

REVISTA DE

# História

DA BIBLIOTECA NACIONAL

## Êscravidão


Casos surpreendentes  
ontem e hoje

Tancredo: o herói  
santificado pela TV

Nelson Pereira dos  
Santos e seu algoz

Uma rádio no  
túnel do tempo

Nova seção:  
Quadrinhos



Não,  
senhor.

ANO 5 | Nº 54 | R\$ 8,90 | MARÇO 2010

ISSN 1808-4001



9 771808 400002 00554



MARIA HELENA P. T. MACHADO  
E FLÁVIO GOMES



# Para curar os males

*Africanos e crioulos promoveram revoltas escravas formando organizações religiosas, como Kebanda, Tates Corongos e Arasia, nas fazendas do Sudeste*

No detalhe acima, balangandã de prata e marfim, século XIX. Alguns cativos eram reconhecidos como líderes porque detinham poderes espirituais.

Na imagem de Ferrez, par-tida para a colheita de café no Vale do Paraíba. Foi nesse ambiente que Manoel Congo liderou uma insurreição quilombola em 1838.

COMO É POSSÍVEL QUE UM ESCRAVO FERREIRO e um liberto oleiro tenham sido considerados homens poderosos em pleno século XIX? Até pouco tempo atrás, os estudos continuavam a desconsiderar o papel da experiência escrava na reorganização da vida cultural e material sob o cativo, enquanto outros – em igual medida – somente bradaram sobre heróis em narrativas que muitas vezes soavam a-históricas. Ainda sobrava pouco espaço para os africanos e seus descendentes na sociedade brasileira da época. Entre as imagens de cordialidade e de violência e as análises quantitativas, as histórias sobre a escravidão no Brasil continuaram a desconhecer a atuação destes personagens. Mas as trajetórias do escravo Manoel Congo e do liberto Felipe Santiago na Região Sudeste ajudam a revelar lógicas de poder, adaptações culturais e relações de parentesco no interior das senzalas, comprovando a importância da atuação dos escravos, africanos, libertos e crioulos na construção da nossa História.

O africano Manoel liderou uma insurreição quilombola no Vale do Paraíba em 1838. Escravo do ca-

pitão-mor Manoel Francisco Xavier, acabou capturado, julgado, condenado à morte e executado dois anos depois. Não se sabe ao certo quando ele desembarcou no Rio de Janeiro; talvez tenha sido no final da década de 1820. Batizado numa das freguesias urbanas da Corte imperial, foi rapidamente levado para a região cafeeira fluminense. Na nova terra, Manoel – um Bacongo, da África centro-ocidental – reuniu-se com africanos de várias origens e também a cativos crioulos (nascidos no Brasil), alguns indígenas e seus filhos miscigenados.

Instalado na Fazenda Maravilha, de Manoel Francisco Xavier, passou a exercer o ofício de ferreiro, juntando os conhecimentos que trazia da África com o que aprendera no Brasil. Em pouco tempo ganhou prestígio entre os escravos da região. Trabalhando com o ferro, podia consertar e fabricar lanças, facas e flechas sem levantar maiores suspeitas de senhores e autoridades locais.

Mas sua liderança também podia estar relacionada a elementos culturais. Alguns cativos eram reconhecidos como líderes porque detinham poderes





espirituais fundamentais na formação das comunidades de senzalas e na organização de levantes. Manoel Congo era chamado de “pai” por outros africanos, inclusive pelos mais velhos, que tinham chegado a Vassouras décadas antes dele.

Essa influência talvez significasse o reconhecimento de alguma função religiosa. Nas línguas *Kimbundu* e *Umbundu* da África Central, a palavra *tata/tate* significava pai/meu pai. Em Vassouras, no ano de 1847 – portanto quase uma década depois da insurreição de Manuel Congo –, foi descoberto um plano de revolta escrava, e seus líderes eram chamados de *Tates Corongos*. E ainda contavam com uma “sociedade secreta” dirigida por um “patrono negro”, o *Kebanda*, que tinha poderes espirituais.

Quase sempre acusados de feiticeiros, esses líderes realizavam rituais para os recém-nascidos, curas, diagnósticos para enfermidades, cuidavam dos

gas, Papéis, Suruás e Nalus, das regiões da Senegâmbia e da Alta Guiné, majoritários entre os escravos do Maranhão.

Nos tempos de escravidão em São Paulo, Santiago conviveu com africanos de outras procedências e acabou se tornando feitor e oleiro. Em 1880, já homem maduro e experiente, juntou dois contos e 200 mil-réis e comprou sua carta de alforria. Casouse e virou proprietário de um sítio. Mesmo em liberdade, continuou perto dos antigos companheiros e ainda mergulhou na organização de uma grande revolta escrava. Sua fama vinha de suas curas. Feiticeiro, conselheiro dos escravos e autoridade espiritual, fundou a *Arasia*, organização religiosa que exigia fidelidade, segredo e contribuições monetárias dos seus adeptos, todos escravos. Como retribuição, ele garantia aos participantes poderes extraordinários, como o de ficar invisível aos olhos dos brancos e as balas não atingirem seus corpos. E os cativos, seus fiéis seguidores, acreditavam.

Com seus rituais, poderes, apetrechos de ferraria, patuás e santos de origens tão diversas, esses líderes mostravam que estavam em curso poderosos processos de adaptação das diversas culturas africanas às condições do Brasil – processos estes chamados de “crioulização” – que também produziam lógicas próprias e poderes no interior das senzalas. E esse volumoso conjunto de saberes alcançou tanto casebres quanto casas-grandes, gabinetes e redações de jornais, provocando temores, ironias e perplexidade na “boa sociedade”. H

**MARIA HELENA P. T. MACHADO** É PROFESSORA DA USP E AUTORA DE *O PLANO E O PÂNICO. OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA DÉCADA DA ABOLIÇÃO*. RIO DE JANEIRO: UFRJ; SÃO PAULO: EDUSP, 1994.

**FLÁVIO GOMES** É PROFESSOR DA UFRJ E COAUTOR DE *O LABIRINTO DAS NAÇÕES. AFRICANOS E IDENTIDADES NO RIO DE JANEIRO* (ARQUIVO NACIONAL, 2006).

### Com a palavra, Manoel Congo

“(…) em casa de seu senhor houvera uma morte, em um de seus parceiros, por nome Camilo sapateiro, perpetrada pelo escravo do mesmo seu senhor, por nome Jacques Crioulo, e que sabe que fora o dito Jacques que matara o dito Camilo por este mesmo dizer antes de morrer e que em consequência desta morte ele réu e outros saíram da Fazenda da Freguesia e foram para outra

Fazenda da Maravilha onde se achava seu senhor e lhe participaram o acontecimento, e que seu Senhor respondera que daria providências e que fugiram”.

FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UNIVERSIDADE SEVERINO SOBRA, VASSOURAS. PROCESSO CRIME DE INSURREIÇÃO. PRIMEIRO INTERROGATÓRIO DO ESCRAVO MANOEL CONGO (1838).

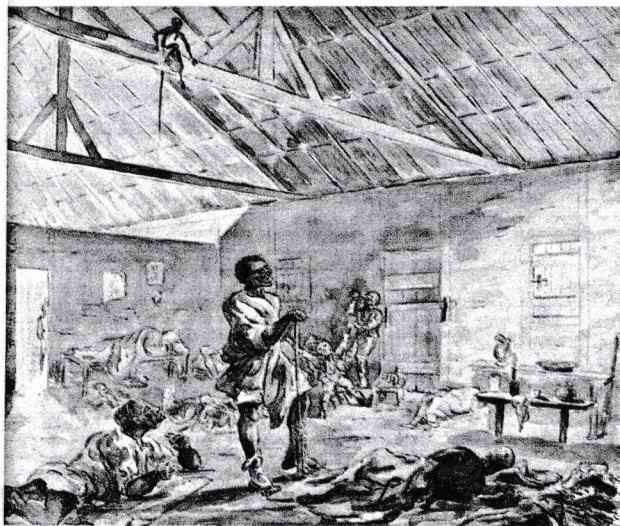
### Saiba Mais

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas. Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil. A história do levante dos malês em 1835*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SLENES, Robert W. *Da senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Com gritos de “Viva a abolição”, escravos guiados por Felipe Santiago se entrincheiraram na senzala de uma fazenda em Campinas. Na aquarela do holandês Le Clercq, o interior de uma senzala (1845).



mortos e ainda preparavam os feitiços para proteção contra mordidas de cobra, ataques de animais, acidentes de trabalho, inveja de companheiros ou a ira de feitores e senhores. Entre tantos poderes, ainda conseguiam planejar revoltas. Foi isso que aconteceu em 1882 em Campinas, oeste paulista.

Armados de paus, enxadas, facas e garruchas, os oitenta escravos da Fazenda Castelo se entrincheiraram na senzala, e com gritos de “Mata branco” e “Viva a Abolição”, resistiram ao ataque de um bando de homens armados. À frente dos revoltosos vinha Felipe Santiago, crioulo liberto que fora vendido no Maranhão para trabalhar nas fazendas de café paulistas. Filho de Guilhermina Mina, que deve ter chegado a São Luís entre 1780 e 1820, foi criado num ambiente em que conviviam muitos grupos étnicos africanos, como Balantas, Mandin-